

LEITURA: INSTRUMENTO FACILITADOR DE APRENDIZAGEM

Francisco Gilmar da Silva Chaves¹; João Bezerra de Araújo Neto³; Ramon Damonne Fernandes Cardoso³; Ayrton César Almeida⁴; MS. Francisco Clébio de Figueiredo⁵

(Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar, joao_netto26@hotmail.com; fla_gil49@hotmail.com; raymondramon142@gmail.com; ana-almeidaamorim@hotmail.com; clebiolima99@hotmail.com)

RESUMO

O presente trabalho aborda a temática, “Leitura: Instrumento facilitador de aprendizagem”. Nessa lógica, objetivo desse artigo é tornar o artifício pedagógica mais significativo e prático, tendo a leitura de diversos gêneros textuais como um instrumento favorável ao ensino . O assunto é bastante pertinente no cenário atual da educação brasileira, no qual se apresenta com um número altíssimo de analfabetos funcionais que chegam as séries seguintes sem adquirirem as habilidades adequadas ao nível de ensino. O mesmo justifica-se, por analisar esse quadro negativo da falta de leitura, tanto no ambiente escolar, quanto no meio social. A leitura é considerada como um instrumento de maior enfoque na prática pedagógica que favorece ao alunado no seu dia a dia, tal como prática social no processo de ensino e aprendizagem. A questão da “leitura” Compreende um dos temas mais estudados e difundidos no contexto escolar, principalmente a leitura como fator preponderante na formação do indivíduo. Metodologicamente, o artigo apresenta-se, como um diálogo entre diversos autores acerca do tema no que diz respeito aos vários meios existentes de inserir a leitura na sala de aula e através dela ter resultados significativos nesse processo de ensino. Dessa forma, o instrumento citado no corpo deste artigo, é um caminho norteador para chegar ao ápice esperado de formar em nossas escolas alunos capazes de desenvolver uma leitura prazerosa e instigante a cada momento, sem ser necessário ler por obrigação e, sim, ler por prazer para enriquecer cada vez mais a sua potenciação de ser um verdadeiro leitor comprometido com o gosto pela leitura e aquisição cultural, tornando-se assim um ser ativo do ambiente escolar. Assim, como resultado acredita-se que o referido trabalho através de leitura, compreensão e análise da situação vivida hoje neste campo, colabora para o desenvolvimento cognitivo dos nossos educandos que vivem momentos caóticos dentro das salas de aulas. A leitura é um caminho pelo qual tudo se cria e coloca cada indivíduo para viver dignamente na sociedade na qual o mesmo está inserido.

Palavras-chave: Leitura, Prática Pedagógica, Ensino-aprendizagem, Sociedade.

INTRODUÇÃO

A prática da leitura no ambiente escolar é de suma importância para o desenvolvimento intelectual e oral do aluno. Para tanto, é necessário que a escola desempenhe ações de leitura com variados tipos de textos no intuito de formar sujeitos ativos tanto no âmbito escolar, quanto no contexto no qual está inserido.

Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo mostrar a importância da leitura como instrumento facilitador da aprendizagem. Porém, é uma das ações ainda lenta e pouca praticada, um dos desafios dos educadores, e, um problema, quanto em decorrência de fatores, tais como a inexistência de sala de leitura, bibliotecas

escolares e o incentivo da família que muitas vezes não introduzem seus filhos num ambiente rico em leitura e, também não estimula os seus filhos nesta prática. Para tanto, é necessário que a prática da leitura comece no seio familiar para não gerar um conflito entre aluno e professor.

Assim, o professor desempenhará melhor essa missão de fazer dos educandos seres competentes e com habilidades para ler com coerência e tornar-se leitores críticos. Nessa perspectiva, também formar aprendizes “[...] no mundo letrado, de modo que ele compreenda as ações que se fazem com a palavra escrita, e a cultura que se cria em torno dela (LEITE, 1998, p. 51)”.

Dessa maneira, este trabalho é uma reflexão abordada acerca da leitura como prática social da escola e da sociedade, voltada para transformar o nosso aluno e fazê-los verdadeiros aprendizes no que diz respeito a leitura. O mesmo através da leitura passa a compreender e analisar os aspectos relevantes da estrutura daquilo que o mesmo esteja lendo como, também, conhecer as finalidades dos variados tipos de textos que a escola proporciona ao aluno a estarem extremamente ligados a esse mundo, convivendo com essa modalidade.

Nesse sentido, acredita-se que é através das atividades criativas na sala de aula e que venham inovar a prática do ensino para os nossos educadores e equipe pedagógica da escola, fazendo valer no aluno o desejo de ler através do prazer, tendo em sua mente que a leitura é o melhor caminho para uma boa formação. Com isso, utilizando-se de recursos oferecidos pela escola para o educando ler frequentemente, frente às estratégias levantadas pelo educador na busca de subsidiar o aluno na compreensão e interpretação dos textos lidos e escritos no ambiente escolar.

Para tanto, se buscou respaldos teóricos em pensamentos de grandes estudiosos como: Ribeiro (2000), Bazerman (2006), Leite (1998), Zatz (1991), Souza (2004), Souza (2007), Ferreira (2006). Dentre outros que serviram como instrumento de leitura para a elaboração deste trabalho.

Assim, a leitura é o melhor meio de fazer com que o nosso discente se autodesenvolva em sua prática cotidiana, levando em consideração todos os aspectos apresentados pela escola. A leitura é a arma poderosa para o sucesso, é o caminho certo, basta o educando e educador trabalharem na íntegra essa questão, pois ler é mudar, é comparar, é aprender o verdadeiro sentido e significado das palavras. Ler é interagir com a sociedade vigente, na qual se busca a liberdade.

METODOLOGIA

O presente trabalho surgiu após os debates feitos na disciplina Alfabetização e Letramento ministrado no segundo período do curso de pedagogia. Nessa perspectiva, o artigo visa destacar o lado qualitativo do processo de ensino-aprendizagem, ressaltando a prática da leitura no meio escolar como, também, a importância da mesma no meio social.

Diante de todo o referencial destacado pela disciplina, o grupo munuiu-se dos mesmos para realçar os escritos e também dá um maior significado e relevância ao assunto. Dessa forma, tanto os debates quanto os conteúdos serviram como um norte para a elaboração deste artigo, visando fortalecer a prática pedagógica dos educadores que já atuam na educação e contribuir para a nossa formação acadêmica.

A PRÁTICA DA LEITURA COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DE APRENDIZAGEM

A leitura possui uma ferramenta fundamental para que a criança possa fazer parte da construção do imaginário e se transportar para outro universo. Ela proporciona uma bagagem intelectual e cultural que influi na vida do leitor em todos os campos da sua vida, pois sendo um hábito, possivelmente, haverá lucro na vida social e profissional do indivíduo.

Nesse sentido, a leitura atrelada à escrita veio para formar cidadãos na sociedade, para poder atuar como ser que passa a defender seus próprios interesses, formando assim um cidadão crítico e participativo na sociedade letrada. Dessa forma, a leitura é vista como um mecanismo pedagógico que influi diretamente no desenvolvimento do educando enquanto ser que está em constante formação.

Compreende-se que a leitura sempre esteve restrita e poucos tinham o privilégio de munir-se de tal instrumento. Na Grécia Antiga restringia-se aos filósofos e aristocratas. Na Idade Média uma minoria era alfabetizada. As igrejas, os mosteiros e as abadias medievais encontravam-se os únicos centros da cultura letrada e as únicas escolas e bibliotecas da época eram lá que preservavam e restauravam os textos antigos. A leitura tinha o caráter religioso, não tinha obrigação de ensinar a ler àqueles que não fossem seguir a vocação religiosa com isso a igreja veiculou a ideia de que os indivíduos laicos tinham que respeitar sem contestar os ensinamentos sagrados devendo apenas escutá-los e memorizá-los.

Durante muito tempo a leitura ficou atrelada à esfera clerical (século XI) com o aumento das atividades comerciais e manufatureiros que provocou o crescimento das zonas urbanas. A igreja começou a perder pouco a pouco o poder sobre o ensino. Nessa perspectiva, o processo de aquisição do conhecimento por meio da leitura

segue em processo cronológico, onde as minorias eram beneficiadas por tal prática. Tal concepção nos remete a entender que essa prática não era um bem disseminado de forma igualitária, mas de forma exclusiva.

Segundo Ribeiro (2000, p. 78), “tanto as mulheres brancas, ricas ou empobrecidas, como os negros não tinham acesso ao ato de ler”, e, até o século XVII a mulher não lia nem escrevia, pois a sociedade achava não existir necessidade. E, ainda no século XVIII, por não saber ler, as mulheres eram expostas à indagação dos homens. “De 1578 a 1700, 450 inventários foram levantados e neles apenas duas mulheres sabiam ler” (RIBEIRO, 2000, p. 86). No Brasil, na segunda metade do século XVII, o ensino da leitura era ministrado principalmente nos conventos.

A partir da década de 1970 no Brasil, ocorreu incipiente modificação no quadro político do país sustentando a democratização e com ela surgem às propostas e estudos que ousam desencadear uma Pedagogia Libertadora, a qual Libâneo (1994, p. 68) “chamou de Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos, superando a lógica do ensino tecnicista respaldado nas ideias behavioristas”.

Mesmo com esse avanço e embora a leitura tenha sido considerada uma herança social, foi sempre um instrumento de controle e domínio cultural, sendo pouco ou nenhum incentivo estatal pela sua efetivação na formação dos educandos, isto é, algo que influencia as dificuldades em sua prática na sala de aula.

Conforme Zatz:

O objetivo de estabelecer regras foi sempre o de facilitar a tarefa de ler e escrever. E foi graças há esse tempo e trabalho empregado ao longo de milhares de anos que ler passou a ser uma coisa simples, possível de aprender e de executar muito mais rapidamente. (ZATZ, 1991, p. 42).

Conforme o autor, mais do que nunca a leitura passou a ser uma necessidade no nosso dia a dia, pois a mesma quando não existiam, os conhecimentos dos povos eram passados às crianças e jovens através de conversas com os mais velhos. Com base em Zatz (1991, p. 14) “Aprender a ler e escrever é como aprender um jogo: é preciso conhecer as combinações, as regras, ter vontade e treinar bastante”.

Assim sendo, para escrever é preciso ler, pois sempre escrevemos para alguém em um contexto cultural diferente. É por meio da leitura dos diferentes gêneros textuais, que aprendemos a escrever e dela fazemos usos para resolver determinadas situações de nosso cotidiano. Logo, cabe ao educador preocupar-se com a formação do leitor, não ignorar sua história anterior, mas considerar a leitura uma reflexão de crítica, de reconstrução de conhecimento.

A PRÁTICA DA LEITURA A PARTIR DOS DIFERENTES GÊNEROS TEXTUAIS

Os gêneros textuais apresentam-se no cotidiano do aluno nas mais diversas formas de comunicação. Seja na linguagem oral e escrito. Partindo dessa ideia, os gêneros textuais em sua ampla diversidade circulam com grande frequência dentro e fora da escola, pois os mesmos diante das suas diversas características destacam-se por contemplarem com textos de fácil entendimento e assimilação por parte do público leitor.

Percebe-se então, que essa gama variada de textos comporta ferramentas de instrução e organização social, pois os mesmos podem nortear os alunos para um desenvolvimento racional e amplo sobre seu papel dentro da sociedade. Por esse motivo, é necessário que o professor se utilize dessas ferramentas para despertar no aluno o gosto pela leitura de encontro com suas necessidades. Assim afirma Souza que:

[...] o professor deve proporcionar várias atividades inovadoras, procurando conhecer os gostos dos seus alunos e a partir de aí escolher um livro ou uma história que vá ao encontro das necessidades da criança, adaptando o seu vocabulário, despertando esse educando para o gosto, deixando-o se expressar. (SOUZA, 2014, p. 223)

Reforçando esse pensamento, Bazerman descreve:

A definição de gênero textual a apenas como um conjunto de traços textuais ignora o papel dos indivíduos no uso e na aquisição de sentidos, ao mesmo tempo não considera o fato de que é possível chegar à compreensão mais esturrada de gêneros como fenômenos de reconhecimento psicossocial, tendo em vista como sendo a mesma parte do processo de atividades socialmente organizadas (2006, p. 31).

Através desses pensamentos, fica evidente que a escola e os professores como agentes mediadores do saber devem trabalhar com uma grande variedade de textos, sempre buscando aqueles cuja linguagem e a temática melhor se adequem o nível do aluno. A instituição é acima de tudo a melhor interpretação por parte dos educandos, tendo em vista o trabalho com gêneros textuais diversificados.

Nesse contexto, é importante destacar que se devem oferecer textos conforme os mesmos se apresentam e se destacam no meio social, pois os mesmos possuem uma leitura mais prazerosa e é expresso de diferentes formas, assim o educador é uma peça chave para mediar à leitura a partir desses gêneros, pois não se constrói bons leitores oferecendo aos mesmos, ferramentas de leitura empobrecidas.

Portanto, os diferentes gêneros textuais podem se tornar um importante meio pelo qual a aprendizagem consegue fluir de maneira mais fácil, pois os mesmo proporcionam leituras com significados diversificados. Concerne apenas o educador

como facilitador do leitor crítico, selecionar quais os mais adequados para determinado ensino e realidade social cujo educandos encontram-se inseridos.

O EDUCADOR COMO FACILITADOR DO LEITOR CRÍTICO

O Educador hoje deve exercer uma função como facilitador do leitor crítico e tem o papel primordial na formação do indivíduo. Ao levar em consideração a função social da escola que viabiliza e sistematiza o saber elaborado, que é acumulado historicamente na construção da sociedade pelos homens e apresentado em sala de aula.

Souza certifica que:

Dentre estes profissionais está o educador que é um agente social e transformador inserido em um contexto social moderno ou pós-moderno, porém na sala de aula, o mesmo não pode ser mero transmissor de informações e/ou saberes pré-estabelecidos, mas sendo mediador de aprendizagens como um artesão que transforma sonho em realidade. (SOUZA, 2007, p. 2).

Nessa lógica, o educador como facilitador do leitor crítico deve expor o aluno à diversidade de gêneros, alargando a sua versão em relação ao uso da língua, ou seja, deixa de ver a língua como uma coisa uniforme que pode ser apenas “certa” ou “errada”.

Assim sendo, é essencial que o aluno seja levado a perceber a multiplicidade de usos e funções a que a língua se presta, na variedade de situações em que acontece, buscando na comunidade local e na escola motivos e oportunidades de leitura. O conhecimento atualmente disponível recomenda uma visão dessa metodologia e aponta para a necessidade de repensar sobre a teoria e a prática tão difundidas e estabelecidas que para a maioria dos educadores tendam a parecerem às únicas possíveis.

O educador como facilitador do leitor crítico precisa ter formação e condições básicas para que se efetive uma política de formação de leitores no âmbito da escola. Não se trata de educadores que apenas “leiam”, mas de um educador que leia com competência e autonomia, capaz não apenas de incentivar seus alunos, mas de mostrar-lhes as sutilezas e entranhas de textos, em especial dos textos escritos, mas que possam contribuir para o desenvolvimento de sua prática de leitura e para exercício de sua função como mediador de leitura.

Então, é preciso que o educador planeje e realize em sua sala de aula atividades que contribuam para o desenvolvimento das habilidades de falar e ouvir, trocar ideias com alguns colegas sobre o resultado dessa prática. Depois por escrito, indique os objetos que norteiam seu trabalho e registre em que sentido ele contribui ou não para o exercício fluente da fala e da escrita, e, conseqüentemente, da escrita e da leitura.

Em vista disso, os educadores precisam sempre está inovando sua prática em sala de aula, ou seja, procurando aprofundar seus conhecimentos para melhorar e desenvolver um trabalho significativo em suas aulas. Também, necessita da continuidade em sua formação para assim atuarem em sala de aula com mais segurança, bem como oferecer conteúdos acerca da leitura, na qualidade de um processo contínuo na vida do educando, e estratégias de ensino de qualidade eficaz para a formação do aluno crítico e autônomo.

LEITURA: UM PROCESSO CONTÍNUO NA VIDA DO EDUCANDO

A leitura é um processo contínuo e necessário que permite ter consciência do que fazemos e das consequências que acarretam nossas ações. É entendida como um processo de produção que se dá a partir da relação dialógica que acontece entre os sujeitos – o autor do texto e o leitor. É nessa dimensão dialógica e discursiva que a leitura deve ser vista como um instrumento formador, desde a alfabetização como um ato social em que o autor e o leitor participam de um processo interativo no qual o primeiro escreve para ser entendido pelo segundo.

Tal processo vai depender tanto da habilidade do autor ao resgatar suas ideias quanto da habilidade do leitor em captar tudo aquilo que o autor colocou e ensinou no texto. Dessa forma, a produção de significados que implicam essa relação dinâmica entre autor e leitor e entre o aluno e o professor acontecem de forma compartilhada, configurando-se como uma prática ativa, crítica e transformadora.

Consequentemente, o professor deve considerar as necessidades de leitura do aluno, sua maneira de ler, os instrumentos de leitura, de modo que ele faça uso no seu processo de interpretação. Enfim, devemos estar atentos para o processo contínuo da leitura que abrange aquilo que envolve o “mundo do leitor”.

Na concepção de Silva:

A leitura exerce na formação de cada cidadão consciente e participativo, uma função de destaque e como na sociedade a instituição encarregada do ensino da leitura é a escola, cabe apenas consolidar o processo de alfabetização mais permanente de leitores críticos e maduros. (SILVA, 1998, *apud* LAJOLA, 1984, p. 69).

Nesse ponto de vista, compreende-se que a leitura é um processo contínuo e construtivo pedagogicamente e socialmente na vida do indivíduo. Sendo a leitura um processo compartilhado de produção de sentido, daí merece interpretação também compartilhada.

Desse modo, a leitura contínua e construtiva é um processo que possibilita no leitor o desenvolvimento individual e social. É na leitura que construímos, reconstruímos conceitos relevantes a nossa formação enquanto ser humano. É partindo do

princípio de que a leitura contínua deve ser fator essencial para a formação do sujeito e, é por meio da leitura que há possibilidades de o aluno ampliar o mundo ao seu redor, sua capacidade comunicativa, seja no campo da expressão, na busca de construção do novo, seja por meio da leitura ou da produção de texto.

Assim, de acordo com o exposto acima, tanto os docentes como, também, os discentes devem munir-se da prática da leitura, buscando sempre a aquisição de novos conhecimentos e, assim, interagindo cada vez mais no meio escolar e também no meio social cujos mesmos estão inseridos, tornando-se dessa forma um amplo detentor de saberes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de toda reflexão realizada sobre a temática, de todos os apontamentos em torno do ensino-aprendizagem, reforçamos aqui o pensamento de que o eixo da educação passa por transformações através de um processo de comunicação autêntica e aberta entre professores e alunos, primordialmente, mais também incluindo administradores e a comunidade, principalmente os pais.

Salienta-se que o desenvolvimento do referido trabalho, nasceu a partir da necessidade de compreender como desenvolver a leitura como instrumento facilitador de aprendizagem. Sendo a leitura um instrumento de ensino para a formação do sujeito enquanto ser ativo do ambiente escolar e social.

Então, desenvolver a leitura na ideia de formar alunos críticos e sociais é estar mais atento às possibilidades do que aos limites. Estimular o desejo de aprender, de ampliar as formas de perceber, de sentir, de compreender, de comunicar-se, apoiar o estudo de prontidão para aprender dentro e fora da escola. Em todos os espaços do cotidiano, em todas as dimensões da vida e está atento a tudo, relacionando tudo com a vida dos educandos com sua experiência. Pois, só vale apenas ser educador dentro de um contexto comunicacional, participativo, interativo e vivencial.

Através dessa proposta, deste estudo realizado e levando em conta a importância do estudo da leitura, espera-se ter contribuído para uma reflexão prática aos impactos da falta e das dificuldades de leitura, em que tanto os professores quanto os alunos devem assumir atitudes de valorização do saber através da contínua ação do ato de ler.

Nesse sentido, buscam-se professores comprometidos com a importância da prática da leitura em seus diferentes contextos, perpassando aos educandos o prazer de desfrutar do conhecimento do homem acumulado ao longo de sua história por

meio da prática de leitura em seu cotidiano. Sendo assim, estaremos inserindo indivíduos críticos e participativos no meio social.

Concluindo, acredita-se que este trabalho deve despertar nos educadores uma postura enquanto transmissor do conhecimento, pois são eles que acompanham o dia a dia e o avanço dos alunos, a sua progressão e o seu desenvolvimento no ensino-aprendizagem. Dá-se a entender que é através do educador e com o contato direto com o mundo da leitura, dos livros, dos textos relacionados à sua vivência que a criança por si só ou através de orientações pedagógicas, irá criar gosto e encontrará estímulo para se tornar um leitor assíduo nesse processo de ensino.

REFERÊNCIAS

BAZERMAN, Charles. **Gêneros, tipificações e interação**; Ângela Paiva Dionizio, Judith Chambliss Hoffnagel, (org.); trad. E adp. De Judith Chambliss Hoffnagel – 2ª ed: São Paulo: Cortez, 2006.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva (org.) et al. **Alfabetização e letramento**: contribuições para as práticas pedagógicas. 2.ed. Campinas. SP: Komedi, 1998.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

RIBEIRO, Arilda L. M. **Mulheres educadas na colônia**. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M. e VEIGA, C. G. (org.) 500 anos de Educação do Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 78-86.

SILVA, E. T. S. **Criticidade e Leitura: ensaios**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

SOUZA, Leila. **A importância da leitura para formação de uma sociedade consciente**. In: Psicologia em estudo. v. 7 nº 1, jun. 2007.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Leitura do professor, leitura do aluno: processos de formação continuada**. UNESP – Presidente Prudente. Disponível em: www.unesp.br. Acesso em 28 de setembro de 2017.

ZATZ, Lia. **Aventura da escrita: história do desenho que virou letra**. São Paulo: Moderna, 1991.